



## **ALEITAMENTO MATERNO ENTRE PUERPERAS INTERNADAS EM UMA MATERNIDADE DE ALTA COMPLEXIDADE DO MUNICÍPIO DE MACEIÓ, ALAGOAS**

Micaely Cristina dos Santos Tenório(1)<sup>1</sup>, Tauane Alves Dutra (2)<sup>1</sup>, Mirian Cicyanne Machado Tavares (3)<sup>1</sup>, Alexandra Rodrigues Bezerra (4)<sup>1</sup>, Gabriela Oliveira de Moraes (5)<sup>1</sup>, Carolina Santos Mello (6)<sup>1</sup>, Alane Cabral Menezes de Oliveira (7)<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituição: Faculdade de Nutrição da Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Maceió, Alagoas, Brasil.

E-mail: 1. micaely.tenorio@hotmail.com, 2. tdutra7@gmail.com, 3. cicyanne12@hotmail.com, 4. alexandra\_rbezerra@hotmail.com, 5. gabrielaom.nutricao@gmail.com, 6. carolinasmello@gmail.com, 7. alanecabral@gmail.com

**Tipo de Apresentação:** Comunicação Oral

### **1. Introdução**

O leite materno é incontestavelmente o alimento ideal para o lactente, em especial nos seis primeiros meses de vida, com benefícios superiores aos demais leites, (VALENTINE, 2013). Apesar disso, em decorrência da magnitude dos efeitos advindos da interrupção precoce do aleitamento materno, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2010) recomenda diversas medidas para promover a prática e reduzir o desmame precoce a nível mundial. Em ambiente hospitalar, a Iniciativa Hospital Amigo da Criança (BRASIL, 2010) é uma das principais estratégias.

Assim, tendo em vista a importância do aleitamento materno para o binômio mãe-filho e pela importância de se conhecer a realidade com vista em planejamentos de ações destinadas a promover e apoiar a amamentação, o presente estudo visa avaliar o aleitamento materno entre puérperas internadas em uma maternidade de alta complexidade do município de Maceió, Alagoas.

### **2. Referencial Teórico**

A Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde recomendam o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança e a manutenção deste, com a introdução da alimentação complementar da criança até os dois anos de idade. No entanto, de acordo com a II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno (2009) realizada nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, apenas 41% das crianças de 0 a 6 meses eram amamentadas exclusivamente no Brasil, sendo verificada uma prevalência ainda menor, de 37% na região Nordeste.



Apesar dos inúmeros benefícios provenientes da prática do aleitamento, a amamentação ainda é interrompida precocemente. São vários os fatores que contribuem para a diminuição do tempo de aleitamento materno como a educação materna, as condições socioeconômicas, a falta de suporte adequado dos serviços de saúde e familiares, as crenças relacionadas com o aleitamento e a falta de informação por parte das mães (ABRÃO, 2006).

A maioria das causas e dificuldades que levam ao abandono do aleitamento materno podem ser facilmente prevenidas e superadas por meio de ações educativas. Práticas de educação nutricional e saúde realizada com as mães podem ser vistas como oportunidades de aprendizagem e comunicação (BARBOSA, 2015).

### 3. Metodologia

Estudo transversal realizado com puérperas sob alta hospitalar assistidas na maternidade do hospital universitário do município de Maceió, no ano de 2015. O presente estudo é parte de um projeto maior intitulado “SOS Amamenta: Promovendo, protegendo e apoiando o aleitamento materno no Hospital Universitário de Maceió-Alagoas”, aprovado por Comitê de ética em pesquisa (Protocolo nº 1.073.536).

O calculo amostral foi realizado a *posteriori* com auxílio do programa G Power, considerando uma razão de prevalência (RP) de 5,44 nesse estudo entre as variáveis ausência de aleitamento materno na alta hospitalar e não recebimento de informações sobre aleitamento no pré-natal, um erro amostral de 5%, uma prevalência esperada entre expostos e não expostos de 16,2% e 25,2%, respectivamente, observou-se um poder de 99,99% para detectar uma associação significativa na população estudada (n=207 puérperas).

A coleta de dados foi realizada através de entrevista face a face com a própria puérpera, orientada por um formulário padronizado com perguntas de fácil compreensão e diretas, onde foram coletadas as seguintes informações: socioeconômicas, pós-parto, aleitamento materno.

Os dados foram processados utilizando-se o aplicativo Stata versão 13.0. Foi utilizada a regressão de Poisson com estimativa robusta da variância, visando identificar fatores associados à ausência de aleitamento materno na alta hospitalar (variável desfecho), variável expressa de forma dicotômica.

### 4. Resultados e Discussões

A população do estudo foi composta por 207 puérperas, com idade média de 23,9  $\pm$  6,8 anos, sendo 10,6% com idade  $\geq$  35 anos e 31,0% adolescentes (10-19 anos). Do total, 15,9% relataram renda familiar mensal  $<$  1 salário mínimo ( $<$  R\$ 724,00 reais); 8,2% possuíam baixa escolaridade ( $<$  4 anos de estudo); 41,5% eram primigestas, com 89,2% daquelas não primíparas com prévia experiência de amamentação.

Ao serem questionadas acerca do aleitamento materno, 20,3% delas afirmaram não estar amamentando, sendo os fatores associados à ausência de aleitamento materno na alta hospitalar após análise ajustada: tabagismo [RP=5,20]; (IC<sub>95%</sub>=1,75-15,33); p=0,003); intercorrências na gestação [RP=3,50]; (IC<sub>95%</sub>=1,04-11,77); p=0,042) e não ter recebido



informações sobre aleitamento materno no pré-natal [RP=5,44]; (IC<sub>95%</sub>=1,78-16,67); p=0,003).

No presente estudo a prevalência de aleitamento materno na alta hospitalar (79,7%) se encontra aquém do encontrado em outras maternidades, o que pode ser explicado pela própria ausência da Iniciativa Hospital Amigo da criança no serviço.

A presença de intercorrências na gravidez se associou de forma desfavorável ao aleitamento materno, o que pode ser decorrente da instabilidade emocional vivida durante a gestação de alto risco (CALDAS, 2013), que leva ao aumento das dificuldades de adaptação vinculadas ao papel da maternidade.

O hábito tabagista na gestação também esteve fortemente associado à ausência de aleitamento materno, com a prevalência três vezes maior das puérperas não estarem amamentando quando comparadas àquelas que não fumaram na gravidez. A influência do tabagismo na lactação tem sido discutida em alguns estudos descritos na literatura, mostrando relações com níveis hormonais, produção de leite materno (lactogênese) e maior ligação com a diminuição da quantidade de leite nas mães tabagistas (ROELANDS et al., 2009; HOPKINSON et al., 1992).

Nesse estudo a grande maioria das mães avaliadas relatou ter realizado pré-natal e ter recebido orientações prévias sobre aleitamento materno, apesar da associação negativa entre essa última variável com a variável desfecho, onde do total de mulheres que não estavam amamentando, 23,3% não faziam por falta de conhecimento. As orientações sobre aleitamento materno devem ser iniciadas ainda no pré-natal (BRASIL, 2006), e a ausência de informações sobre o tema é uma das principais causas que justificam a ausência da amamentação (AZEVEDO et al., 2010).

A prática de aleitamento materno dentro da maternidade está aquém do ideal, o que pode ser reflexo da ausência de programas de promoção à amamentação. Portanto, os resultados aqui apresentados reforçam a necessidade de práticas de apoio que favoreçam a escolha e manutenção do aleitamento materno, em especial a implementação da Iniciativa Hospital Amigo da Criança que em ambiente hospitalar torna-se uma das principais estratégias, contando, inclusive com os dez passos para o sucesso do aleitamento materno.

## Referências

ABRÃO, Ana Cristina Freitas de Vilhena. Amamentação: uma prática que precisa ser aprendida. **Pediatria (São Paulo)**, v. 28, n. 2, p. 79-80, 2006.

BARBOSA, Luma Natalia et al. Prevalência de práticas educativas acerca do aleitamento materno exclusivo (AME) em Cuiabá-MT. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v. 19, n. 1, p. 147-153, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). II Pesquisa de Prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e Distrito Federal. Brasília: Editora do Ministério da Saúde; 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Iniciativa Hospital Amigo da Criança. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas/Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília, DF; 2010.



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico. Brasília; 2006.

CALDAS, Denise Baldaça et al. Atendimento psicológico no pré-natal de alto-risco: a construção de um serviço. **Psicologia Hospitalar**, v. 11, n. 1, p. 66-87, 2013.

DE AZEVEDO, Diana Soares et al. Conhecimento de primíparas sobre os benefícios do aleitamento materno. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 11, n. 2, p. 53-62, 2010.

HOPKINSON, Judy M. et al. Milk production by mothers of premature infants: influence of cigarette smoking. **Pediatrics**, v. 90, n. 6, p. 934-938, 1992.

ROELANDS, Jennifer et al. Consequences of smoking during pregnancy on maternal health. **Journal of Women's Health**, v. 18, n. 6, p. 867-872, 2009.

VALENTINE, Christina J.; WAGNER, Carol L. Nutritional management of the breastfeeding dyad. *Pediatric clinics of North America*, v. 60, n. 1, p. 261-274, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Indicators for assessing infant and young child feeding practices. Geneva: WHO; 2010.